



FARIA, Ronaldo. Neo-rurais e 'da terra' convivem em distrito. Popular, Campinas, 16 mar. 2003.

Correio

Neo-rurais e 'da terra' convivem em distrito

Joaquim Egídio atrai hoje um público variado na busca de seu espaço rural, assim como mantém as tradições mais fortes, como a polenta com carne e os festejos de São Joaquim e São Roque, que acontecem em agosto. Assim, duas pontas se abrem no "mundo rurbano" do distrito. De um lado, Aristides Falcaro, agricultor, 64 anos, que nasceu no lugar e lá continua até hoje. Do outro, João Baptista Giorgetti, aposentado da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), 67 anos, que resolveu assumir a região como sua nova moradia.

"Eu gosto de viver aqui, onde nasci, assim como meus seis irmãos. As terras eram dos meus avós por parte de mãe, que vieram da Itália para trabalhar no café e na lavoura", explica Falcaro, que é presidente da Sociedade Santa Maria da Serra de Cabras. Para ele, a vida entre seu gado de corte, porcos e café não tem preço. "Não troco aqui por nada. Fazer o quê na cidade?"

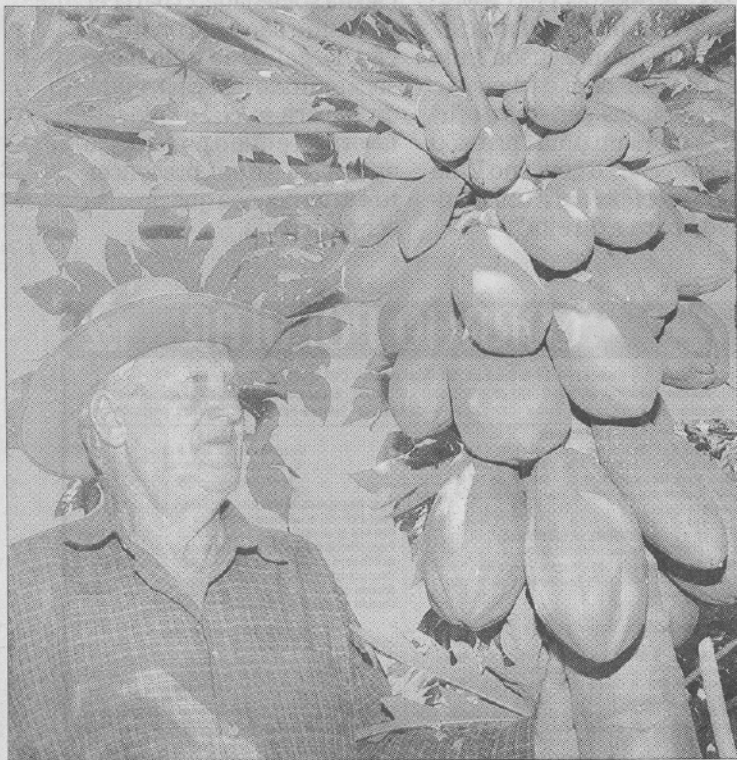
Com os filhos morando em Sousas, ele acorda religiosamente às 5h30 e só tem um problema para reclamar: "O convívio com a Telesp (*Telefonica*), que deixa as pessoas daqui sem telefone durante dias".

Já Giorgetti viu na volta ao campo o resgate de um passado simbólico. "Fico 90% do meu tempo aqui e 10% em Campinas, num apartamento do Cambuí. Sempre fui do mato. Vim de São Manoel (SP), que tem cerca de 40 mil habitantes. Fiquei 36 anos na CPFL, mas sempre pensei em voltar para o sítio. Fiz a opção consciente, unindo o útil ao agradável", diz.

Ele tem pomar de uva e está investindo em castanha portuguesa e palmito. "Tive de voltar a estudar, ter contato com técnicos agrícolas. A agricultura mudou muito nesses anos. Mas é bom tentar trazer um pouco da experiência da cidade e trocar com o pessoal da roça, trabalhar com produtos orgânicos", explica.

O mundo rural, contudo, não está aberto a todos, como mostra André Pires na sua tese de doutoramento pela Unicamp. "Aconteceram transformações econômicas mais gerais e se abriu a possibilidade de a classe média de origem urbana aproveitar desse espaço, como quem abandona o emprego na cidade para criar *escargots*, por exemplo. Mas vê-se também a criação de espaços de exclusividade, como pousadas e restaurantes caros, voltados a uma classe específica que pode pagar pelos serviços", enfatiza.

Ou seja, não são todos que podem desfrutar do rural preservado. "A preservação, em muitos casos, não traz a oitava maravilha do mundo. Traz espaços de exclusividade", afirma. Logo, nem todos, por mais estressados que estejam com o urbano, viverão o mundo simbólico de uma casa no campo. (RF/AAN)



Giorgetti, que trocou a cidade pela pacata vida em um distrito